

## MECANISMOS ENUNCIATIVOS: ANÁLISE DAS VOZES E MODALIZAÇÕES EM ARTIGOS CIENTÍFICOS

**Adriano Ribeiro da Costa**

Doutorando em Ciências da Educação pela Universidad Nacional de Rosario – UNR/Argentina, Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE  
Professor do Instituto Federal de Pernambuco – IFPE/ EaD e Campus Caruaru e da Faculdade Sete de Setembro – FASETE

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar as estratégias discursivas dos autores em relação aos mecanismos enunciativos, especificamente, as vozes e modalizações, em artigos científicos. A pesquisa orientou-se em estudos sobre os mecanismos enunciativos na área de Linguística Textual, especificamente os trabalhos de Bakhtin ([1929] 2002), Koch (2000), Bronckart (1999), Ilari (1992), Ducrot (1987) e Kristeva (1974). Para tanto, fez-se a análise de um *corpus* constituído de três artigos da revista *Investigações: Linguística e Teoria Literária*, do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Observou-se, na análise, que: a ocorrência predominante do fenômeno vozes é a intertextualidade explícita, feita através de citações. Já, em relação às modalizações, houve a predominância dos advérbios nas avaliações formuladas pelos autores sobre alguns aspectos do conteúdo temático. Conclui-se que os mecanismos enunciativos contribuem para o esclarecimento dos posicionamentos enunciativos e traduzem as diversas avaliações sobre alguns aspectos do conteúdo temático, visando a orientar a interpretação do texto de seus destinatários. Esses posicionamentos enunciativos e essas avaliações são feitas através das vozes e das modalizações.

**Palavras-Chave:** Mecanismos enunciativos. Vozes. Modalizações. Artigos científicos.

### RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar las estrategias discursivas de los autores en relación con los mecanismos enunciativos, en particular, las voces y modalizaciones en artículos científicos. La investigación se basó en los estudios sobre los mecanismos enunciativos en el área de la Lingüística Textual, específicamente los trabajos de Bajtín ([1929] 2002), Koch (2000), Bronckart (1999), Ilari (1992), Ducrot (1987) y Kristeva (1974). Para este fin, se realizó el análisis de un *corpus* constituido de tres artículos de la revista *Investigación: Lingüística y Teoría Literaria*, del Programa de Posgrado en Letras de la Universidad Federal de Pernambuco – UFPE. Se observó en el análisis que: la ocurrencia predominante del fenómeno voces es la intertextualidad explícita, realizada por las citas. Ya, en relación con las modalizaciones, se observó un predominio de los adverbios en las evaluaciones realizadas por los autores sobre algunos aspectos del contenido temático. Se concluye que los mecanismos enunciativos contribuyen a la clarificación de las posiciones enunciativas y traducen las diferentes evaluaciones de algunos aspectos del contenido temático, con el objetivo de orientar la interpretación del texto de sus destinatarios. Estas posiciones enunciativas y estas evaluaciones se realizan a través de las voces y modalizaciones.

**Palabras Clave:** Mecanismos enunciativos. Voces. Modalizaciones. Artículos científicos.

### INTRODUÇÃO

Um texto empírico constitui um todo coerente, uma unidade comunicativa articulada a uma situação de ação e destinada a ser compreendida e interpretada como tal por seus destinatários. E são exatamente os mecanismos enunciativos que contribuem para a manutenção da coerência pragmática (interativa) do texto, ou seja, para o esclarecimento dos posicionamentos enunciativos e traduzem as diversas avaliações sobre alguns aspectos do conteúdo temático, que visam a orientar a interpretação do texto de seus destinatários. O primeiro se refere ao posicionamento enunciativo do autor e às vozes presentes no texto; o segundo, à marcação das modalizações (BRONCKART, 1999, p. 130).

Este artigo tem como objetivo analisar as estratégias discursivas dos autores em relação aos mecanismos enunciativos, especificamente, as vozes e modalizações, em artigos científicos. A pesquisa, de natureza qualitativa, orientou-se em estudos sobre os mecanismos enunciativos na área de Linguística Textual, especificamente os trabalhos de Bakhtin ([1929] 2002), Koch (2000), Bronckart (1999), Ilari (1992), Ducrot (1987) e Kristeva (1974). O *corpus* analisado constitui-se de três artigos científicos publicados na revista *Investigações: Linguística e Teoria Literária*, do Programa de Pós-graduação em Letras da UFPE.

O artigo está estruturado em três seções: a primeira trata sobre a conceituação e os tipos de vozes; a segunda, sobre as concepções e tipos de modalizações; já a terceira traz a análise dos mecanismos enunciativos nos artigos científicos selecionados.

## 1 VOZES

A primeira noção do fenômeno “Vozes” apareceu, de forma implícita, em Bakhtin com “La Poétique de Dostoievski”, ao tratar do “romance polifônico”. O sentido de voz em Bakhtin é de ordem metafórica, tratando-se da memória semântico-social depositada na palavra, e que em todo discurso são percebidas vozes, pois tudo o que é dito por um enunciador não pertence só a ele.

A presença de vozes num mesmo texto é chamada de dialogismo por Bakhtin (2002), polifonia para Ducrot (1987) e intertextualidade para Kristeva (1974). A noção de polifonia de Ducrot e de intertextualidade de Kristeva surgiram a partir da noção de dialogismo de Bakhtin.

Dialogismo para Bakhtin (2002) é o princípio constitutivo da linguagem e a condição de sentido do discurso. Esse dialogismo ocorre na interação verbal estabelecida pelo enunciador e enunciatário, no espaço do texto, seja escrito ou oral. Ou seja, os textos escritos ou orais são constituídos a partir de outros textos, contendo não só o discurso do próprio autor, mas também o discurso de outras pessoas. Essa noção de dialogismo vem de encontro à concepção de Saussure de língua como um sistema monológico.

Segundo Ducrot (1987), a polifonia designa “as diversas perspectivas, pontos de vista ou posições que se representam nos enunciados”. Ducrot considera dois tipos de polifonia: a- quando, no mesmo enunciado, se tem mais de um locutor, isto é, intertextualidade explícita; b- quando, no mesmo enunciado, há mais de um enunciador, recobrando a intertextualidade implícita, sendo, porém, mais ampla.

Em relação aos fenômenos polifônicos, Koch (2000, p. 51) afirma que eles podem ser classificados conforme a atitude de adesão ou não do locutor à perspectiva polifonicamente introduzida em:

1) **Casos de adesão:** a- *pressuposição*, encenam-se dois enunciados, um responsável pelo pressuposto, e o outro, pelo conteúdo posto, com que o locutor se identifica; b- *certos tipos de parafraseamento*; c- *argumentação por autoridade*, encenam-se a voz de um enunciador a partir da qual o locutor, identificando-se com ele, argumenta. Pode ser obtida por: 1- enunciados conclusivos: nos quais se argumenta a partir de uma mesma premissa polifonicamente introduzida no discurso; 2- certos enunciados introduzidos por “não só... mas também”; 3- certos enunciados em que ocorre o uso “metafórico” do futuro do pretérito;

2) **Casos de não adesão:** a- *negação*; b- *enunciados introduzidos por “ao contrário”, “pelo contrário”*; c- *aspas de distanciament*; d- *détournement*: alteração, na forma e/ou no conteúdo de provérbios, slogans ou frases feitas, a título lúdico, com o objetivo de captação ou, mais frequentemente, de subversão; e- *contrajunção*: consiste na introdução da perspectiva de um outro enunciador, ao qual se opõe o segundo enunciador, com o qual o locutor se identifica; f- *certos enunciados comparativos*; g- *discurso indireto livre*.

Para Kristeva (1974), a intertextualidade significa que todo texto pressupõe a existência prévia de outros textos, de forma que os textos se relacionam entre si na forma de redes intertextuais. A intertextualidade pode ser em sentido amplo (heterogeneidade constitutiva) ou em sentido restrito (heterogeneidade mostrada).

Segundo Koch (2000, p. 47-50), a intertextualidade em sentido amplo é uma condição de existência do próprio discurso, podendo ser aproximada do que se denomina interdiscurso na Análise do Discurso. Já a intertextualidade em sentido restrito diz respeito “à relação de um texto com outros textos previamente existentes, isto é, efetivamente produzidos”.

Koch considera os seguintes tipos de intertextualidade em sentido restrito:

- a) **De conteúdo X de forma/contéudo:** a primeira ocorre entre textos científicos de uma mesma área ou corrente do conhecimento, que se servem de conceitos e expressões comuns, entre matérias de jornais, no mesmo dia ou no período de tempo em que dado assunto é enfocado etc.; a segunda, quando o autor de um texto imita ou parodia a linguagem de determinado escrito ou de um dado segmento da sociedade;
- b) **Explícita X implícita:** a primeira ocorre quando há citação da fonte do intertexto, como no discurso relatado, nas citações e referências, nos resumos, resenhas e traduções etc.; a segunda ocorre sem citação expressa da fonte, cabendo ao interlocutor recuperá-la na memória para construir o sentido do texto, como nas alusões, na paródia, em certos tipos de paráfrase e de ironia;
- c) **Das semelhanças X das diferenças:** na primeira, o texto incorpora o intertexto para seguir sua orientação argumentativa e, com frequência, para apoiar nele a argumentação. Na segunda, o texto incorpora o intertexto para ridicularizá-lo, mostrar sua impropriedade ou, pelos menos, colocá-lo em questão;
- d) Com intertexto alheio, próprio ou atribuído a um enunciador genérico.

Koch (2000, p. 50) afirma que todas essas manifestações da intertextualidade apontam-na como fator relevante na construção da coerência textual. Porém, aqui, abordar-se-á apenas a intertextualidade explícita, em forma de citação, por ela ser uma das características do texto científico, neste caso, do artigo científico; pois, pela natureza desse gênero, não se pode dizer algo sem fundamentação, por isso há a necessidade de se recorrer a outros textos.

A presença do discurso do outro (citação), segundo Bakhtin, pode ocorrer, basicamente, de duas formas: *direta* e *indireta*. O discurso direto (DD) é entendido “pelo falante da língua como a enunciação de uma outra pessoa, completamente independente na origem, dotada de uma construção completa [...]” (BAKHTIN, 2002, p. 144). É um discurso interativo secundário encaixado em outro tipo de discurso, isto é, no discurso principal. É uma transcrição literal das palavras do autor-fonte. Em geral, é introduzido por verbos *dicendi*.

Prefere-se esse tipo de discurso nos textos científicos, pois permite mais fidelidade às palavras do autor-fonte. Porém, a segurança da exatidão das citações diretas é ilusória, pois o indivíduo que cita pode utilizar-se de alguns mecanismos para apresentar sua impressão sobre o que é citado, como os verbos *dicendi*. Assim, esse tipo de citação pode ser manipulado conforme as intenções do autor do texto.

Já o discurso indireto (DI) “ouve de forma diferente o discurso de outrem; ele integra ativamente e concretiza na sua transmissão outros elementos e matizes que os outros esquemas deixam de lado.” (BAKHTIN, 2002, p. 159). Isso significa que esse tipo de discurso pode criar diferentes efeitos de sentido, eliminando, por exemplo, os elementos emocionais ou afetivos presentes no discurso direto. No discurso indireto, não há a reprodução literal do discurso-fonte.

Como se pode perceber, tanto no discurso direto como no indireto é revelada a opinião do autor-produtor de um texto sobre o que está produzindo. Essa afirmação é a mesma de Marcuschi (1983, p. 01): “ao se reproduzir as opiniões de alguém, procede-se a uma nova seleção de termos e a outra construção sintática que as do autor. Embora esse processo aparente certa inocência, não impede a possibilidade de distorção ou interferência no discurso relatado.” Assim, pode-se afirmar que a transmissão do discurso de outras pessoas é tanto uma estratégia discursiva como textual.

Como se pode notar, a intertextualidade e a polifonia são fenômenos afins, porém Koch (2000, p. 57) afirma que não há coincidência total entre esses fenômenos. Para ela, o conceito de polifonia recobre o de intertextualidade. Assim, todo caso de intertextualidade é um caso de polifonia, não sendo, porém, verdadeiro o oposto: há casos de polifonia que não podem ser vistos como manifestações de intertextualidade. Porém, para este trabalho, adota-se o termo “vozes” tanto para a polifonia quanto para a intertextualidade; pois, como se viu, não há uma sistematização apropriada para distinguir esses dois fenômenos. Alguns fenômenos vistos acima são classificados tanto como polifonia quanto intertextualidade.

## 2 TIPOS DE VOZES

Bronckart (1999, p. 130) afirma que é o autor, à primeira vista, que assume ou toma posição sobre o que é enunciado, ou que, ao contrário, atribui explicitamente essa responsabilidade a outros. Assim, o autor seria, aparentemente, responsável pela escolha do conteúdo temático a ser semiotizado, pelo modelo de gênero próprio a uma determinada situação de comunicação, pela seleção e organização das sequências textuais, e pelo gerenciamento dos diversos mecanismos de textualização, etc.; ou seja, seria autor aquele que é responsável pela totalidade das operações que darão ao texto seu aspecto definitivo.

Assim, o autor seria aquele que está na origem do texto, pelo qual é responsável, porém não seria o único responsável pelo que é enunciado. São as vozes que assumem a responsabilidade do que é enunciado.

Bronckart (1999, p. 130-131) afirma que, num texto, há três subconjuntos de vozes que podem ser expressas: *a voz do autor*, *as vozes sociais* e *a das personagens*. A voz do autor, presentes nas glosas (comentário e explicação do dizer do autor), é oriunda diretamente da pessoa que produz o texto e que intervém, para comentar ou avaliar alguns aspectos do que é enunciado. As vozes sociais são as vozes de outras pessoas ou de instituições humanas exteriores ao conteúdo temático do texto, porém são mencionadas como instâncias externas avaliadoras de alguns aspectos desse conteúdo. E as vozes de personagens, feitas através do discurso direto e indireto, são aquelas de pessoas ou de entidades humanizadas que estão diretamente implicadas no percurso temático.

Essas vozes podem ser encontradas isoladas ou juntas num texto, dando a este um caráter polifônico, em que várias vozes são ouvidas num só texto.

Conforme Cunha (2002, p. 166), “o estudo das vozes permite compreender o diálogo entre os diferentes discursos que constituem o texto e entre os sujeitos que se confrontam nesse espaço interlocutivo”. Assim, é por meio das formas marcadas e não mostradas de dialogismo que a posição e os pontos de vista do enunciador do discurso atual, o grau de distância ou de adesão dos discursos dos enunciadores citados ou mencionados, e os lugares ocupados por eles são percebidos.

### 3 MODALIZAÇÕES

As modalizações são as avaliações formuladas sobre alguns aspectos do conteúdo temático. Elas contribuem para o estabelecimento de sua coerência pragmática ou interativa e para orientar o destinatário na interpretação de seu conteúdo temático (BRONCKART, 1999, p. 330). As modalizações são realizadas por unidades ou conjuntos de unidades linguísticas chamadas de modalidades. As modalidades seriam representadas por tempos do verbo no futuro do pretérito, auxiliares de modalizações (poder, querer, ser necessário, ser preciso, dever etc.), subconjunto de advérbios (certamente, sem dúvida, talvez etc.), certas frases impessoais (é evidente que..., é possível que...) etc.

Bronckart (1999, p. 330-336) apresenta quatro funções de modalização, inspirado na teoria dos três mundos herdada de Habermas (1987): *modalizações lógicas, deônticas, pragmáticas e modalidades apreciativas*.

As modalizações lógicas consistem em uma avaliação de alguns elementos do conteúdo temático, que são apresentados como fatos certos, possíveis, prováveis, improváveis, necessários etc. As modalizações deônticas avaliam alguns elementos do conteúdo temático, à luz dos valores sociais, apresentando-os como socialmente, permitidos, proibidos, necessários, desejáveis etc.. As modalizações pragmáticas introduzem um julgamento sobre uma das facetas da responsabilidade de um personagem em relação ao processo de que é agente, e atribuem a esse agente intenções, razões, capacidade de ação. Já as modalidades apreciativas avaliam, de forma subjetiva, alguns aspectos do conteúdo temático, apresentando-os como bons, maus, estranhos, infelizes, etc., do ponto de vista da instância avaliadora.

As modalizações lógicas e deônticas podem ser traduzidas por uma ou outra das unidades de marcação. A apreciativa é, marcada, preferencialmente por advérbios ou orações adverbiais; e a pragmática, pelos auxiliares de modo, em sua forma estrita ou ampliada.

Conforme Ilari (1992, p. 217), a modalização é “uma avaliação prévia do falante sobre o conteúdo da proposição que ele vai veicular, decorrendo daqui suas decisões sobre afirmar, negar, interrogar, ordenar, permitir, expressar a certeza ou dúvida sobre esse conteúdo etc.”. Para tanto, a modalização movimenta diferentes recursos linguísticos, dentre eles: 1- os modos verbais; 2- os verbos auxiliares como dever, poder, querer e os verbos como achar, crer, acreditar; 3- adjetivos, sós ou em expressões como “é possível”, “é claro”, “é desejável”; 4- advérbios como possivelmente, exatamente etc.; 5- sintagmas preposicionados em função adverbial, como “na verdade”, “em realidade” etc.

Ilari (1992, p. 222-223) distingue três tipos de modalização: a epistêmica, a deôntica e a afetiva. Essa classificação equivale, respectivamente, às modalizações lógica, deôntica e apreciativa, na terminologia de Bronckart, vista acima.

Os modalizadores epistêmicos expressam uma avaliação sobre o valor de verdade e as condições de verdade da proposição. Ilari divide esses modalizadores em três subclasses: *os asseverativos, os quase-asseverativos e os delimitadores*.

Os asseverativos indicam que o falante considera verdadeiro o conteúdo da proposição, apresentado por ele como uma afirmação ou uma negação que não dão margem a dúvidas, constituindo-se numa necessidade epistêmica. Como exemplo, temos os seguintes asseverativos: *a- afirmativos*: realmente, evidentemente, naturalmente, obviamente etc.; *b- negativos*: de jeito nenhum, de forma alguma.

Os quase-asseverativos indicam que o falante considera o conteúdo da proposição quase certo, próximo à verdade, como uma hipótese que depende de confirmação, e por isso mesmo ele se furta “a toda

responsabilidade sobre a verdade ou a falsidade da proposição”. Exemplo: talvez, assim, possivelmente, provavelmente, eventualmente.

Os modalizadores deônticos, por sua vez, indicam que o falante considera o conteúdo da proposição como um estado de coisas que deve, que precisa ocorrer obrigatoriamente, como exemplo; obrigatoriamente, necessariamente etc. Já os modalizadores afetivos verbalizam as reações emotivas do falante em face do conteúdo proposicional, deixando de lado quaisquer considerações de caráter epistêmico ou deôntico. Ilari distingue dois tipos de modalizadores afetivos: *a- subjetivos*: expressam uma predicação dupla, a do falante em face da proposição e a da própria proposição, como em felizmente, curiosamente, espontaneamente etc.; *b- intersubjetivo*: expressam uma predicação simples, assumida pelo falante em face de seu interlocutor, a propósito da proposição, como em sinceramente, francamente etc.

Assim, é através das modalizações que se percebem as avaliações do autor do texto sobre alguns aspectos do conteúdo temático, auxiliando a coerência pragmática e orientando o leitor na interpretação do conteúdo temático do texto. Essas avaliações podem apresentar o conteúdo temático como fatos certos, possíveis, prováveis, improváveis, necessários etc., ou como socialmente, permitidos, proibidos, necessários, desejáveis etc.; ou ainda introduzem um julgamento sobre uma das facetas da responsabilidade de um personagem em relação ao processo de que é agente, e atribuem a esse agente intenções, razões, capacidade de ação.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS

A pesquisa orientou-se em estudos sobre os mecanismos enunciativos na área de Linguística Textual, especificamente os trabalhos de Bakhtin ([1929] 2002), Koch (2000), Bronckart (1999), Ilari (1992), Ducrot (1987) e Kristeva (1974). O *corpus* analisado, neste estudo, constitui-se, a princípio de cinco artigos, porém, como exemplificação, foram escolhidos três artigos científicos publicados na revista *Investigações: Linguística e Teoria Literária*, do Programa de Pós-graduação em Letras da UFPE, que foi lançada em 1989, com o objetivo de divulgar trabalhos de pesquisas em andamento no referido programa, bem como apresentar os resultados de pesquisas concluídas nas áreas de Linguística e Teoria Literária, por docentes e discentes do programa e por especialistas de outras universidades. Atualmente, a revista está em seu 24º número. Eis os artigos: **Artigo 1:** A gramática e as decisões lingüísticas dos usuários, Francisco Gomes de Matos, 1989, p. 19-23, v. 1. **Artigo 2:** O funcionamento polifônico da argumentação, Ingedore G. Villaça Koch, 1994, p. 31-36, v. 4. **Artigo 3:** O Bal Masqué das intenções, Yarcylda Farias, 1997, p. 55-70, v. 7.

A escolha do *corpus* foi feita sob a observação do seguinte critério: deveriam ser na área de Linguística, por pertencerem ao domínio do analista. A pesquisa foi bibliográfica, de natureza qualitativa, com levantamentos dos vários exemplos de vozes e modalizações. Em seguida à análise dos artigos sob esses aspectos, compararam-se os mesmos e apresentaram-se os resultados da análise.

### 4.1 Vozes

A análise da marcação das vozes dos artigos analisados foi feita por parágrafo. Se em um parágrafo só ocorreu, por exemplo, a voz do autor, contou-se como uma única ocorrência. Será dado apenas um exemplo de cada tipo de vozes em cada artigo.

**Artigo I:** A gramática e as decisões lingüísticas dos usuários.

Neste artigo, estão presentes as seguintes vozes: *voz do autor* (12 ocorrências) e *vozes sociais* (2 ocorrências).

“A idéia, embrionária há 12 anos, só começaria a germinar em 1985, em artigo no qual, a partir de uma distinção entre gramática centrada no sistema e gramática orientada para os usos do sistema (Gagné, 1983) [...]” (par. 2, p. 19) (voz social)

Neste parágrafo, há a presença de voz social, marcada por citação direta, neste caso, de fragmento extraído do discurso de Gagné.

“O incentivo para prosseguirmos na exploração dessa gramática, verdadeiramente a serviço dos usuários, surgiu durante o Curso de especialização em língua portuguesa, oferecido pelo Mestrado em Letras e Linguística da UFPE.” (par. 4, p. 20) (voz do autor)

Já neste parágrafo, há a presença da voz do autor, marcada pelo verbo “prosseguirmos”, que está na primeira pessoa do plural.

A partir do parágrafo 6, a voz do autor não é marcada por verbos na primeira pessoal do plural, mas é inferível através do conteúdo do discurso sobre o tema.

Pôde-se observar que este artigo apresentou pouca intertextualidade tanto marcada como não marcada, dando a impressão de que o discurso do artigo tem origem exclusivamente no autor; isto é, as ideias dos artigos pertencem ao autor, não havendo pessoas que comunguem de seu discurso. Isso é ratificado na bibliografia do artigo, em que 50% das referências pertencem ao próprio autor.

## **Artigo 2:** O funcionamento polifônico da argumentação.

Neste artigo, o posicionamento enunciativo é marcado pelas seguintes vozes: *voz do autor* (1 ocorrência) e *vozes sociais* (7 ocorrências).

“Pretendo aqui discutir o funcionamento polifônico da argumentação, através do exame de alguns mecanismos exemplares desse funcionamento.” (par. 2, p. 31) (voz do autor)

Neste parágrafo, há a presença da voz do autor, marcada pelo verbo “Pretendo”, que está na primeira pessoa do singular.

“Em todos esses casos, tem-se a ‘intertextualidade das semelhanças’, no dizer de SANTANA (1985), que coincide com o que GRÉSILLON & MAINGUENEAU (1984) entendem por ‘captação’, que é o que ocorre, também, quando se argumenta, por exemplo, a partir de provérbios ou frases feitas, ou se intertextualiza com outros autores para produzir efeitos de sentido próximos.” (par. 8, p. 32) (voz social)

Nota-se que, ao contrário do primeiro artigo, este é constituído em torno das vozes dos outros – vozes sociais –, utilizadas para exemplificar e corroborar a tese de que o discurso é essencialmente polifônico. Nesse parágrafo, houve a utilização de citação de Santana e de Grésillon e Maingueneau. Isso faz com que o texto tenha mais respaldo científico, pois o autor se utilizou de discursos de vários autores para fundamentar sua argumentação.

**Artigo 3:** O Bal Masqué das intenções.

Este artigo apresenta as seguintes vozes: *voz do autor* (21 ocorrências) e *vozes sociais* (4 ocorrências).

“A maneira pela qual o locutor implica o interlocutor impondo-lhe a sua opinião (ato locutivo), como ele declara a sua posição face a sua própria opinião (ato elocutivo) ou a desvinculação do locutor e do interlocutor no ato de locução (ato delocutivo) são aspectos analisados neste trabalho que reúne as reflexões da autora, após um ano de pesquisa realizada no Letorado de Francês da UFPE.” (par. 3, p. 56) (voz do autor)

Neste parágrafo, há a presença da voz do autor, percebida na passagem “[...] neste trabalho que reúne as reflexões **da autora** [...]”.

“Esta modalidade (alocutiva) é de todas a mais polêmica, segundo afirma Charaudeau (1983:60), porque contém a marca explícita do interlocutor (TU destinatário) e, como todo procedimento linguageiro que implica um ‘TU’, é ao mesmo tempo reveladora da atitude do sujeito enunciante.” (par. 11, p. 59) (voz social)

Já neste parágrafo, há a presença da voz social, através da apropriação de texto alheio, neste caso, de Charaudeau, que foi parafraseado.

Pôde-se observar que este artigo apresenta vozes sociais e voz do autor, esta, por sua vez, apropria-se daquelas com o objetivo de dar sustentação à posição do autor. Percebe-se que este artigo apresenta mais vozes do autor, dando a impressão que o discurso do artigo tem origem exclusivamente no autor. Isso faz com que os argumentos colocados por ele sejam mais facilmente criticados, pois, basicamente, não há a utilização de discursos de outrem para corroborar sua posição.

Observou-se, então, que os artigos, com exceção do artigo 2, deram preferência à voz do autor. Nenhum dos artigos apresentou vozes das personagens.

A predominância da voz do autor nos artigos indica que eles, apesar de serem também constituídos com vozes sociais, através da intertextualidade explícita (citação), possuem um caráter próprio, baseados nas convicções do autor, isto é, não são um amontoado de citações aleatórias. Porém, por outro lado, isso deixa os artigos mais propensos a serem criticados, por não haver neles a utilização de argumentos de outros autores para fundamentar a posição dos autores dos artigos.

## 4.2 Modalizações

Aqui serão mostradas as ocorrências dos recursos utilizados para marcar as modalizações por parte dos autores dos artigos. Para isso, dar-se-á um exemplo de cada mecanismo utilizado pelos autores.

**Artigo 1:** A gramática e as decisões lingüísticas dos usuários.

Neste artigo, as modalizações foram feitas através dos seguintes recursos: *advérbios* (11 ocorrências), *locução adverbial* (2 ocorrências), *auxiliar modal* (1 ocorrência) e *verbos no futuro do pretérito* (7 ocorrências). Eis um exemplo de cada recurso utilizado:

“Podemos exemplificar tal estado de coisas, no plano aplicativo, construindo uma lista detalhada de estratégias envolvidas no complexo processo linguístico decisório ativado cognitivamente por um usuário, ao se deparar com o problema de optar por uma dentre diversas variantes de uso.” (par. 5, p. 20)

O autor faz a delimitação do ativamento do processo linguístico decisório por um usuário por meio do advérbio de modo **“cognitivamente”**.

“Esse traduzir a informação científica em dados acessíveis a leigos é outro problema que precisa ser enfrentado com seriedade pelos responsáveis por um comunicar conhecimentos científicos de maneira eficaz: saber, enfim, fazer tradução em sua própria língua.” (par. 6, p. 21)

A evidência subjetiva do tratamento dado à informação científica é marcada pelas locuções adverbiais de modo **“com seriedade”** e **“maneira eficaz”**.

“Do mesmo modo, um professor resistente à relatividade dos usos poderia corrigir a redação de um aluno com base na dicotomia do certo ou errado, em lugar de, numa perspectiva humanística construtiva, propor ao educando (seu próximo linguístico) que se estabeleça uma hierarquia de problemas redacionais [...]” (par. 9, p. 22)

A possibilidade da avaliação do professor é marcada pelo verbo auxiliar de modalização **“poderia corrigir”**.

“[...] insistimos que uma gramática do usuário teria a difícil, mas necessária missão de ajudar o falante/escritor a transformar-se de dependente em decisor linguístico.” (par. 2, p. 19)

A possibilidade de uso da gramática é marcada pelo verbo no futuro do pretérito **“teria”**.

## **Artigo 2:** O funcionamento polifônico da argumentação.

Neste artigo, as modalizações foram feitas através dos seguintes elementos: *advérbio* (21 ocorrências), *locução adverbial* (1 ocorrência) e *auxiliar modal* (5 ocorrências).

“Constitui hoje quase um truísmo dizer que o discurso é por natureza polifônico, que nele se apresentam, ou melhor, representam pontos de vista diferentes [...]” (par. 1, p. 31)

A autora declara a certeza em relação ao discurso ser polifônico através do advérbio **“quase”**.

“O ‘détournement’ resulta, freqüentemente, de alterações na forma de um provérbio, slogan ou frase feita com o intuito de produzir alterações de sentido – em geral, para veicular o sentido oposto àquele do enunciado original.” (par. 24, p. 34)

A origem do “détournement” é introduzida por meio da locução adverbial **“em geral”**.

“Na autoridade polifônica, representam-se no discurso outras ‘vozes’ – que podem ser a da ‘vox populi’, do saber comum, a de um enunciador genérico ou indeterminado, a do próprio interlocutor ou de determinado grupo [...]” (par. 4, p. 31)

A autora marca a possibilidade dos tipos de vozes presentes no discurso através do auxiliar modal **“podem ser”**.

**Artigo 3:** O Bal Masqué das intenções.

Neste artigo, as modalizações foram feitas através dos seguintes recursos: *advérbios* (10 ocorrências), *locução adverbial* (3 ocorrências), *auxiliar modal* (7 ocorrências) e *frases impessoais* (3 ocorrências).

“Locutor e interlocutor podem vir ocultos na pergunta, mas aparecem **explicitamente** em outro enunciado da publicidade.” (par. 17, p. 62)

A autora marca a maneira de o locutor e interlocutor aparecerem na pergunta da publicidade através do advérbio “**explicitamente**”.

“Enquanto ‘TU’ é sempre convocado a agir ou dizer nas publicidades, o ‘EU’ pouco se manifesta e quando isto acontece, o fato se dá por mais um efeito de máscara. Em geral, o ‘EU’ explícito é o de um actante (o herói) que na publicidade dá seu testemunho de mundo, conta sua aventura e, por vezes, revela seus sentimentos, anseios, etc.” (par. 22, p. 64)

A possibilidade da pessoa do “EU” na publicidade é marcada pela locução adverbial “**Em geral**”.

“Na tentativa de implicar o interlocutor, o locutor pode tanto demonstrar superioridade, julgando, advertindo, autorizando, interpelando, aconselhando, sugerindo e/ou ordenando [...], como fazer apelo à ‘superioridade’ do interlocutor, usando este recurso apenas como estratégia através de um pedido ou uma pergunta [...]” (par. 12, p. 59 e 60)

A autora marca a possibilidade da posição do locutor na implicação do interlocutor por meio do auxiliar de modalização “**pode demonstrar**”.

“Na modalidade delocutiva, é possível observar esta ausência de sujeito emissor e receptor através das seguintes estratégias [...]” (par. 6, p. 56)

Aqui a possibilidade da demonstração da ausência do emissor e receptor na modalidade delocutiva é marcada pela frase impessoal “**é possível**”.

Observou-se que os autores marcam as modalizações, preferencialmente, através dos advérbios. Outros recursos utilizados por eles são as locuções adverbiais e os auxiliares de modalização. O primeiro artigo não utilizou frases impessoais como recurso de modalização, mas utilizou verbos no futuro do pretérito; já os outros não utilizaram tais verbos.

Os artigos científicos são construídos principalmente com os mecanismos enunciativos, através das vozes e modalizações. Tanto as vozes quanto as modalizações recebem destaque especial. Através daquelas o autor expressa no seu texto os discursos dos outros (vozes sociais), a fim de corroborar seu ponto de vista (voz do autor). As vozes sociais são marcadas através da intertextualidade explícita, por meio das citações. Enquanto através das modalizações, o autor deixa claro no texto as avaliações que faz ao conteúdo temático, por meio de advérbios, locuções adverbiais, auxiliar modal, frases impessoais e verbos no futuro do pretérito.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve por objetivo analisar as estratégias discursivas dos autores em relação aos mecanismos enunciativos, especificamente, as vozes e modalizações, em artigos científicos, com um *corpus* formado de 3 artigos publicados na revista *Investigações: Linguística e Teoria Literária*.

Quanto aos mecanismos enunciativos, houve a ocorrência tanto de vozes como de modalizações, que mostram exatamente a posição dos autores dos artigos em relação ao conteúdo dos mesmos. A ocorrência predominante do fenômeno vozes foi a intertextualidade explícita, feita através de citações; por serem as citações uma das características dos textos científicos, utilizadas para dar sustentação à teoria dos autores. Os tipos de vozes presentes nos artigos foram as vozes sociais e a voz do autor. Já, em relação às modalizações, houve a predominância dos advérbios nas avaliações formuladas pelos autores sobre alguns aspectos do conteúdo temático. Mas houve também a ocorrência de auxiliares modais, locução adverbial e frases impessoais. A modalização predominante foi a do tipo lógico, que consiste numa avaliação de alguns elementos do conteúdo temático, apresentados como fatos certos, possíveis, prováveis etc. Isso se dá pelo tipo de conteúdo temático e, principalmente, por os artigos tratarem de assuntos objetivamente, tentando excluir a subjetividade.

Como aplicabilidade, o objetivo deste trabalho foi, em consequência da descrição dos mecanismos enunciativos no gênero Artigo Científico, oferecer orientações aos leitores para sua empreitada na leitura e análise desse gênero em sua vida acadêmica e/ou profissional. Para alcançar esse objetivo, partiu-se da analogia da afirmação que Kleiman (1999, p. 9) faz: “o desvendamento do processo do ato de ler aprimora a própria capacidade de leitura do leitor, visto que, ao tornar o processo conhecido, estar-se-á construindo as bases para uma atividade de metacognição, ou seja, de reflexão sobre o próprio saber”. Assim, o desvendamento das estratégias discursivas é de suma importância, pois aprimora a própria capacidade de leitura desse gênero.

Espera-se que os leitores tirem o melhor proveito deste estudo, e que haja interessados em dar continuidade ao estudo sobre os mecanismos enunciativos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M./VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9. ed. São Paulo: Hucitec, [1929] 2002.
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.
- CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro da. O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião. In: DIONÍSIO, A.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- DUCROT, A. P. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. In: \_\_\_\_\_. **O dizer e o dito**. Campinas, SP: Pontes, 1987. p. 161-218.
- FARIAS, Yaracylda. O Bal Masqué das intenções. **Investigações: Linguística e Teoria Literária**, Recife, v. 7, p. 55-70, set. 1997.
- ILARI, Rodolfo (org.). **Gramática do português falado: níveis de análise lingüística**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992. v. 2.
- KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 1999.

KOCH, Ingedore G. Villaça. O funcionamento polifônico da argumentação. **Investigações: Lingüística e Teoria Literária**, Recife, v. 4, p. 31-36, dez. 1994.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

KRISTEVA, J. A palavra, o diálogo e o romance. In: \_\_\_\_\_. **Introdução à Semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Linguística de texto: o que é e como se faz**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1983. (Série Debates 1).

MATOS, Francisco Gomes. A gramática e as decisões lingüísticas dos usuários. **Investigações: Lingüística e Teoria Literária**, Recife, v. 1, p. 19-23, 1989.